

**UMA ÀRVORE DE MULTIPLAS HISTÓRIAS:  
experiências lúdicas com as crianças maravilhosas de um terceiro ano do ensino fundamental**

**A TREE OF MULTIPLE STORIES:  
leisure experiences with children of a wonderful third year basic education**

Grazielle Eloisa Balduino<sup>1</sup>  
Myrtes Dias da Cunha<sup>2</sup>

**Resumo**

Esta pesquisa foi produzida com as crianças de uma turma de terceiro ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal da cidade de Uberlândia, Minas Gerais, durante o ano de 2013. Essa instituição localiza-se numa região periférica da cidade considerada como uma área com índice considerável de violência e tráfico de drogas. O presente artigo analisa duas atividades dentre várias ações que foram desenvolvidas com as crianças, sendo estas um passeio à UFU para assistir a uma peça de teatro e na segunda, analisamos uma atividade com massinha de modelar, desdobramento da primeira. Muitas experiências aconteceram nesse passeio. A presente pesquisa desenvolveu-se de acordo com uma orientação qualitativa e privilegiou o diálogo e uma convivência intensa com as crianças como meio de aprender sobre elas com elas mesmas, prestando atenção nas suas conversas e nos seus sentimentos, desejos, pensamentos e posicionamentos.

Palavras-chaves: Culturas Infantis, Lúdico, Ensino-aprendizagem, Teatro.

**Resumen**

Esta investigación se realizó con los niños en una clase de tercer año de la escuela primaria a una escuela pública en la ciudad de Uberlândia, Minas Gerais, durante el año 2013. Esta institución se encuentra en una zona periférica de la ciudad considerada como un área con índice considerable violencia y el narcotráfico. Este artículo examina dos actividades entre las diversas acciones que se han desarrollado con los niños, que son un paseo por el UFU a ver una obra y en el segundo, se analiza una actividad con plastilina, partió la primera. Muchos experimentos han sucedido en esta gira. Esta investigación se desarrolló de acuerdo con una orientación cualitativa y diálogo favorecido e intensa interacción con los niños como medio de aprender acerca de ellos con ellos mismos, prestando atención a su conversación y sus sentimientos, deseos, pensamientos y posiciones.

Palabras clave: cultura infantil, Juguetón, Aprender, enseñar teatro.

**Abstract**

This research was produced with children in a class of third year of elementary school to a public school in the city of Uberlândia, Minas Gerais, during the year 2013. This institution is located in a peripheral region of the city considered as an area with index considerable violence and drug trafficking. This article analyzes two activities among several actions that have been developed with the children, which are a walk in the UFU to watch a play and in the second, we analyze an activity with play dough, split the former. Many experiments took place on this tour. This research was

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, sob orientação de Myrtes Dias Cunha.

<sup>2</sup> Professora Associada II da Faculdade de Educação Federal de Uberlândia.

developed according to a qualitative orientation and favored dialogue and intense relationship with the children as a means of learning about them with themselves, paying attention to their conversations and their feelings, desires, thoughts and positions.

**Keywords:** Culture Kids playful, Teaching and learning, Theatre.

A presente pesquisa foi produzida com as crianças de uma turma de terceiro ano do Ensino Fundamental, turma denominada por nós como Crianças Maravilhosas, de uma escola municipal da cidade de Uberlândia, Minas Gerais, durante o ano de 2013. Essa instituição localiza-se numa região periférica da cidade considerada como uma área com índice considerável de violência e tráfico de drogas. Na presente investigação buscamos conhecer e compreender ações das crianças, suas brincadeiras, seus sentimentos, suas necessidades e possibilidades no espaço-tempo da escola questionando a posição da instituição de que a turma em questão era “fraca” e que “as crianças não conseguiam aprender”; a prolongada e intensa convivência com essa turma nos informou sobre as culturas infantis, os modos de ser, de agir e de se relacionar das crianças entre si, com os adultos e com o conhecimento, apresentou-nos significados e sentidos infantis particulares, muitas vezes desconhecidos, desclassificados e desvalorizados por professores e adultos que trabalhavam na escola.

No presente artigo analisamos duas atividades, dentre várias ações que foram desenvolvidas com as crianças, sendo a primeira um passeio à Universidade Federal de Uberlândia (UFU) para assistir a uma peça de teatro, e a segunda foi uma atividade com massinha de modelar, desenvolvida como desdobramento da anterior.

O passeio à UFU consistiu em assistir a peça de teatro intitulada "A árvore de todas as Histórias"<sup>3</sup> na sala de apresentações do curso de Teatro da UFU. Essa foi a primeira vez que saímos com a Turma Crianças Maravilhosas para fora do espaço da escola. Apresentamos a seguir a Nota de Campo referente a esse dia de atividade:

**NOTA DE CAMPO 26 – Teatro na UFU, dia de muitas histórias e alegrias**

**16 DE ABRIL DE 2013 - terça-feira**

Hoje, terça-feira, foi dia de passeio! Cheguei à escola às 12h45min e fui até a sala dos professores encontrar com a professora regente e dizer que o ônibus que levaria as crianças para a UFU já havia chegado. Foi então que recebi uma notícia muito triste da professora: - "Grazi, não tenho boas notícias! Hoje de manhã uma criança derrubou uma carteira no meu pé. Tive que ir até a UAI (Unidade de Atendimento Integrado de Saúde) e estou de atestado, não poderei ir à UFU com vocês."

**OBS:** Neste momento, passou um filme em minha cabeça do quanto havia sido difícil conseguir com que as crianças fossem neste encontro. Primeiro foi a luta para conseguir

<sup>3</sup> A árvore de todas as histórias é um trabalho produzido e encenado pela atriz e professora do curso de Teatro da UFU Mariene Hundertmarck Perobelli e pela atriz e estudante do mesmo curso Maria Claudia Lopes.

financiamento para pagar o ônibus, depois a resistência da supervisora pedagógica da escola em poder achar alguém, funcionário da escola, que pudesse acompanhar as crianças na UFU; a professora regente havia aceitado fazer esse acompanhamento com muito custo, mas agora tinha um problema de saúde. Os ventos sopravam desfavoravelmente às crianças... Imediatamente, fui procurar a supervisora para relatar o fato e pedir que me ajudasse. Ela ficou surpresa com o acidente da professora e disse que ia tentar me ajudar. Ficou andando de um lado para outro, organizando outras coisas, falando com muitas outras pessoas, e eu atrás dela, para que ela me percebesse e não se esquecesse de resolver o nosso problema: arrumar alguém que substituísse a professora Bela no acompanhamento das crianças durante o passeio. Depois de muitas idas e vindas e o tempo passando, uma professora eventual se prontificou para ir conosco. Quando estava indo para sala de aula das crianças, uma mãe veio me dizer que o seu filho havia perdido a autorização, mas que ela autorizava o filho a ir ao passeio. Então pedi a ela que escrevesse uma autorização, de próprio punho, e assinasse naquele momento e ela assim o fez. Quando cheguei à sala de aula havia outro problema, uma menina havia falsificado a assinatura da mãe no bilhete de autorização, a própria irmã me contou. Tentei ligar para a mãe da menina - a qual, segunda a própria criança me contou, estava no hospital acompanhando um tio acidentado - mas ela não atendeu; então, a criança ficou muito emocionada por não poder ir, mas nada pude fazer, consolei-a, disse que numa outra vez poderia dar certo. Tirei uma foto com todas as crianças na sala, antes de sair, pedi que cada uma desejasse ao colega do lado um ótimo passeio. Fizemos uma fila e fomos caminhando até o ônibus. A chegada à UFU, por volta das 13hs e 50min, foi muito vibrante, as crianças desceram do ônibus correndo e já foram logo abraçando as pessoas do Grupo de Estudo e Pesquisas Educação e Cultura Popular (GEPECPOP) que as esperavam. As crianças são muito intensas! Esperamos pelo início da peça do lado de fora da sala de apresentações no Bloco do curso de Teatro; as meninas do subgrupo Infâncias do GEPECPOP estavam quase todas lá para nos ajudar com as crianças. Meninos e Meninas começaram a ficar agitados e apreensivos com a demora do início da apresentação. Então começaram a contar 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12... Paravam e recomeçavam até que as portas se abriram e elas entraram numa sala bem grande, com colchonetes no chão e algumas cadeiras. A peça previa interação com crianças da plateia; durante todo o tempo de apresentação as crianças interagiam com as atrizes, perguntavam, reproduziam sons, movimentos, faziam comentários sobre o que era falado pelas duas atrizes. Elas estavam vestidas com um figurino colorido e usavam não só a contação de histórias, mas também instrumentos musicais, tais como violão, chocalho e apitos, para compor a peça. As crianças surpreenderam a todos com sua participação, risadas e comentários inesperados. Elas agiram de forma calma e participativa. Com o término da peça, as atrizes convidaram as crianças para comerem frutas que compunham a história. Foi um momento muito bacana porque elas ficaram surpresas com esse convite e comeram as frutas vorazmente, as crianças que não comeram ali, guardaram frutas para levar consigo. Três meninas da turma pediram para apresentar uma peça de teatro improvisada ali, naquele momento. Elas então fizeram uma roda e começaram a cantar uma música que eu havia cantado com elas na quinta-feira passada:- "Ô abre a roda tindolelê, ô abre a roda tindolalá, ô abre a roda tindolelê, tindolelê, tindolalá, ô vai pulando, tindolelê, ô vai pulando tindolalá, ô vai pulando tindolelê, tindolelê, tindolalá". Foi lindo! Neste momento é que percebo que nossas atividades com as crianças são importantes para elas e para a pesquisa. Depois, seguimos para um espaço próximo a sala de teatro, que é o Museu Diversão com Ciência e Arte (DICA), o qual possui uma área de lazer. Trouxemos os lanches e refrigerantes e todos comeram e brincaram nos

equipamentos externos do Museu. As 16h00min, reunimos as crianças e as conduzimos até o ônibus para voltarem para a escola. Entrei no ônibus para me despedir e várias delas se levantaram e vieram me dar um abraço e dizer tchau. Meu coração se encheu de alegria, e então eu disse: "Quem gostou do passeio dá um grito bem forte!" Deram um grito bem forte! Hoje foi um dia que me encheu de alegria, de vitalidade, de fôlego! Valeu a pena!

A seguir apresentamos as fotografias 1 e 2 das crianças assistindo e participando do teatro e depois a encenação criativa de três meninas da turma Crianças Maravilhosas:

FOTOGRAFIA 1 - Crianças assistindo e participando do teatro "A árvore de todas as histórias". 16/04/2013



Fonte: Acervo da pesquisa.

FOTOGRAFIA 2- Crianças apresentando uma ciranda após assistirem a peça de teatro. 16/04/2013.



Fonte: Acervo da pesquisa.

A atitude das três meninas pedindo para se apresentarem extrapolou qualquer expectativa de participação e inventividade das crianças nesse dia. A potência para atuar e criar deixou de ser latente e se fez presente. Nesse instante, assim como em outros na presente pesquisa, as crianças

produziram silêncios de não saber dizer o que acontecia dentro de nós! Não sabíamos o que dizer! O inesperado, essa quebra das rotinas da linguagem nos estimulavam e desafiavam a tentar conhecer as crianças para além daquilo que se dizia delas como aquelas que não sabiam escrever.

Handkle (1991, p.195) citado por Larrosa (2010, p.51) apresenta em palavras, o que sentimos nesse momento da apresentação das crianças: "O vazio dentro de mim, e diante de minha sinceridade: ou seja, finalmente estou vazio, e tudo está aberto diante de mim, com suas cores e formas, em sua multiplicidade e sua unidade, em seu tempo, que agora se converteu também no meu". Sentimo-nos estimulados a compreender os tempos infantis e os jeitos de ser das crianças, com a certeza de que elas sabiam e podiam criar muitas atividades, conhecimentos, relações, percebíamos que quando a escola as intitulava como uma turma fraca deixava de lado atributos infantis muito importantes.

Nesse ponto do trabalho estávamos para completar três meses de convivência com as Crianças Maravilhosas e, logo depois da participação delas na peça de teatro, em 22 de abril de 2013, a supervisora da escola comentou conosco sobre elas, o que, certa maneira nos surpreendeu, pois disse coisas positivas sobre a aprendizagem das crianças. A Nota de Campo 28, apresentada abaixo, nos ajuda conhecer a comunicação da supervisora e a dinâmica da escola:

**NOTA DE CAMPO 28 – Uma notícia boa! Segundo a supervisora as crianças melhoraram**

**22 DE ABRIL DE 2013- segunda-feira**

Hoje, segunda-feira, cheguei à escola às 12h50min e fui até a sala dos professores. Cumprimentei a professora Bela e perguntei se esta semana seria possível realizar alguma ação com crianças. Ela disse que a escola estava na semana de prova e que não seria conveniente fazer nenhuma atividade, disse a ela que tudo bem, e perguntei se poderíamos fazer na próxima semana? A professora Bela concordou e ficamos combinadas que na segunda-feira próxima seria um dia de ação. Logo em seguida, já fomos para o pátio encontrar as crianças. No caminho entre o pátio e a sala de aula, perguntei às crianças sobre como havia sido o final de semana, se elas tinham brincado muito, se tinham passeado etc e daí por diante. Algumas disseram ter brincado muito e passeado; uma criança disse não ter brincado porque estava olhando outra criança que era seu primo; outra criança disse que o final de semana não tinha sido bom, porque os pais dela haviam brigado muito; então perguntei a ela se havia brincado só um pouquinho, ela disse que sim, que brincou com o cachorrinho dela; outra criança que se aproximou de mim tinha um machucado no canto do olho direito, perguntei se havia caído e ele disse que não, que não tinha acontecido nada e que tinha brincado muito no fim de semana; outra criança disse que havia passeado no shopping e que comprou uma calça *jeans*, exatamente aquela que ela estava usando.

**OBS:** As crianças são muito carinhosas, o tempo todo, desde quando cheguei, durante as aulas, e até na hora de ir embora são muito solícitas, me abraçam, me beijam, fazem carinho no rosto, mexem no meu cabelo, mexem nos meus brincos, colar e em tudo que me pertence. Elas são muito curiosas, querem sempre saber o que é e para que serve. A professora não tem gostado das crianças ficarem levantando das carteiras e vindo até onde está a caixa de material escolar, as revistinhas e falar alguma coisa comigo. Hoje

mesmo, Bela disse que não era para trazer mais essa caixa de material. Mas vou fingir que não escutei, vou continuar trazendo. Vou fazer tal como as crianças fazem: "burlar o sistema". A Myrtes teve uma ideia ótima, ao invés de levar a caixa com o material dentro, vou coloca-los em uma bolsinha. Comprarei mais lápis, borrachas, apontadores e canetinhas, material que não estava na caixa, mas as crianças me pediram e comprarei para acrescentar. A professora não quer que eu leve a caixa, então levarei uma bolsinha e daí vamos ver no que dá. Os problemas de desinteresse das crianças pelas aulas não são causados pela caixa.

A supervisora da escola entrou na sala e disse que não havia tomado leitura de uma estudante (na sexta-feira passada a supervisora havia tomado leitura de todas as crianças da Turma e só tinha restado esta estudante), por isso retirou a menina da sala e pediu que ela fosse até a biblioteca e logo em seguida ela me chamou e disse assim: - "Grazi, você percebeu que as crianças dessa sala melhoraram?". Perguntei: - "Melhoraram com relação a quê?". Ela disse: "Com relação a leitura e escrita". Então eu disse: - "Não, não percebi nada de melhora nesse sentido, mas percebi que as crianças estavam menos agressivas, mais amorosas, estavam começando a se interessar mais pelos assuntos da escola e para ouvir as pessoas e tinham me aceitando como parte do grupo". Ela então disse que as crianças haviam melhorado com relação a leitura, a escrita e na auto estima e que essa melhora pode estar ligada ao trabalho que estávamos desenvolvendo com as crianças. - "Que bom!" Respondi. E ela foi embora. A professora regente trabalhou com as crianças com o material dourado que ela trouxe emprestado da biblioteca da escola. As crianças se sentaram em pequenos grupos de três e quatro crianças e tentaram representar as operações com o material dourado.

**OBS:** Durante o recreio coloquei música para as crianças no refeitório e no pátio. As crianças se juntam, dançam, tentavam cantar as músicas e novamente me cobraram o funk! Como levar funk para as crianças? Qual funk? As crianças durante o recreio diziam: "Oba! Música"; "Vou ficar aqui que vai ter música"; "Coloca aquela música: - "ô abri a roda tindolelê...". Fiquei surpresa de a professora usar o material dourado com as crianças, foi uma maneira de ela tentar sair da rotina e buscar outras formas de trabalho com os estudantes.

Depois do recreio, fui embora. Já não estava mais ficando até às 17hs, agora ficava até o final do recreio.

Foram os comportamentos de Bela, a Professora Regente, com as crianças que nos fizeram reduzir a quantidade de horas de permanência na sala de aula e a começar a pensar em realizar ações com as crianças que pudessem prescindir da presença dela.

As palavras da supervisora sobre a melhora do aprendizado das crianças foram válidas porque a partir desse dia, a notícia se espalhou entre os professores e estes passaram a nos ver com bons olhos, como se tal melhora fosse motivada pela nossa presença com a Turma a perguntarem sobre o nosso trabalho com as crianças. Sentíamos que as crianças estavam tentando cada vez mais participar e se envolver conosco, mas ainda precisávamos conhecê-las melhor. Desde os primeiros momentos na escola fomos entendendo que a melhor maneira de conhecer as crianças era estar com elas, falar sinceramente com elas e expressar com o corpo nossos sentimentos e pensamentos.

O dia 29 de abril de 2013, uma segunda-feira, foi o último dia de atividades de pesquisa no formato Teimosias da Imaginação, encontros nossos com a Turma na presença da Professora.

Depois desse dia, começamos a realizar atividades com as crianças sem a presença da professora Bela. Nessa última atividade, a professora foi bem participativa e brincou de massinha de modelar junto com as crianças. Foi surpreendente seu empenho em querer ajudar as crianças, mas a gritaria e a utilização por ela de palavras duras e ásperas para disciplinar as crianças persistiram.

A decisão de desenvolver atividades lúdicas e artísticas com as crianças, de tal maneira que a professora Bela não precisasse participasse conosco, já havia sido tomada. Chegamos a um ponto na pesquisa que sabíamos que para entender as culturas infantis era preciso compreender, cada vez mais e melhor, as relações das crianças entre elas e delas com a escola; enfim, pretendíamos entender culturas infantis que eram mobilizadas ou construídas no âmbito da escola, entretanto, tal propósito requeria a ausência da professora nos momentos de atividades. Inicialmente, seguimos um caminho na pesquisa que interligava diretamente a professora e as crianças. Antes de conhecer as crianças e a professora, havíamos pensado que faríamos nosso trabalho apenas com as crianças, mas no percurso da presente pesquisa, acreditamos que, talvez, poderíamos ajudar a Professora a se aproximar mais das crianças. Não deu certo essa tentativa! Quando a Professora Bela estava presente o nosso tempo era gasto principalmente com a disciplinarização das crianças.

Não conseguimos trabalhar com as crianças e com a Professora num mesmo espaço para conhecer as culturas infantis na escola. Não estávamos conseguindo conhecer as crianças e desenvolver ações lúdicas na presença da professora. Queríamos poder contar com a professora Bela, mas queríamos primeiramente estar com as crianças de um jeito que não envolvesse o controle delas por um adulto. Rubem Alves (1987) comenta que deixar para trás o passado e começar de novo constitui a essência do ato criativo:

A vida possui uma lógica em si mesma. Quando chega a certas crises nas quais a experiência passada não lhe ajuda a seguir adiante e, ao contrário, torna o processo impossível, ela deixa o passado para trás e começa de novo. Esta é, segundo entendo, a essência do ato criativo, assim resumida claramente por Harold Rugg: "*A chave da natureza do ato criativo consiste em abandonar pressuposições há muito mantidas e recomeçar a partir de uma nova orientação*" (*Imagination*, p.289). É isso que consiste a imaginação (ALVES, 1987, p. 79, grifos do autor).

A forma como a professora Bela compreendeu nosso trabalho, a maneira escolarizada dela de tratar as crianças influenciou diretamente em nossas decisões posteriores na pesquisa.

A partir do dia 29 de abril de 2014 passamos a desenvolver atividades com as crianças com uma participação parcial da professora Bela. A Nota de Campo do dia 29 de abril de 2013 apresenta o início de tais experiências:

**NOTA DE CAMPO 31 – Último dia de Teimosias da Imaginação**  
**29 DE ABRIL DE 2013 - segunda-feira**

[...] Eu e a Alessany (membro do GEPECPOP) chegamos à sala de aula da Turma Crianças Maravilhosas às 13hs e esperamos mais alguns minutos até o restante das crianças chegarem. Depois a professora regente fez a chamada, levantei a mão e fiquei a esperar que as crianças me deixassem dizer alguma coisa. Esperei uns 2 minutos, a professora Bela interveio mandando as crianças calarem a boca e ainda disse: - "Vocês não têm respeito? A Grazi tem educação, levanta a mão quando quer falar. Vocês tinham que fazer igual ela!".

**OBS:** A professora regente aproveitava-se de minhas ações com as crianças para lhes dizer coisas de um modo que eu desaprovava. Assim que pude dizer alguma coisa falei: - "Boa tarde!" As crianças responderam com outro boa tarde e então eu disse que hoje era dia de fazer uma atividade no quiosque. Neste momento as crianças ficaram eufóricas, sorriram e disseram: - "Êba! Êba!". Novamente levantei a mão para pedir a palavra, demoraram uns 30 segundos dessa vez para que eu pudesse dizer que antes de sairmos tínhamos que fazer um acordo. Perguntei a elas o que acontecia quando o acordo era quebrado. Elas responderam que voltaríamos para sala. Propus que no nosso acordo não poderia haver violência com os colegas, não poderiam gritar e empurrar, deveriam escutar o outro. Perguntei a elas o que mais poderíamos colocar nesse acordo e as crianças imediatamente começaram a dizer que não podia bater no outro, tinham que escutar o colega, não correr nos corredores, não gritar, escutar a tia e não empurrar. Pedi que levantasse a mão quem estava de acordo com o que tínhamos combinado e todas as crianças, sem exceção, levantaram as mãos. Acordo feito, pedi que escolhessem um colega da sala para darem a mão e fomos saindo em duplas, sem fila, quando estávamos saindo uma menina me perguntou: - "Tia aqui é a fila das meninas?" Disse-lhe que não tinha fila, nem de meninas, nem de meninos, que poderíamos andar como quiséssemos em dupla.

**OBS:** Essa maneira das crianças em duas filas, separadas por gênero, me intrigava. São ações sem um sentido maior e que se repetem todos os dias. Sair com as crianças em duplas representou quebrar esse valor da cultura escolar e também representou uma forma de aproximar as crianças do contato com o outro, com gestos de afeto, como dar as mãos, ao invés de usar as mãos para bater, usar para andar juntos. Foi com essa intenção que usei essa estratégia e para muitos deu certo. Para outros não. Houve quem agredisse o colega com as mãos, apertando, medindo forças, mas não foi a maioria.

Fomos caminhando até o quiosque; no percurso entre a sala de aula e o quiosque houve conflitos, especificamente com três estudantes. Correram pelos corredores da escola, ficaram apertando as mãos dos colegas que faziam pares, empurraram, conversavam alto. Fiz vista grossa porque percebi que eram apenas três crianças que não estavam a cumprir com o acordo. Pensei que aquele comportamento fosse passageiro, que quando chegássemos no quiosque e começássemos as ações tudo seria diferente. Chegamos no quiosque e pedi que ficassem no meio para podermos dançar e coloquei a música Ana Maria<sup>4</sup>. No começo, as crianças ainda estavam tímidas, querendo se soltar, mas na segunda vez que coloquei e também dancei com elas, elas se soltaram, cantaram e dançaram. Depois coloquei a música Abre a Roda Tindolelê<sup>5</sup>, começamos a dançar, e já

<sup>4</sup> Ana Maria ficou de catapora por 24hs vixi... Ana Maria ficou de catapora por 24hs vixi... Ana Maria ficou de catapora por 24hs vixi (cd Palavra Cantada). Escolhemos esta música por ter um ritmo e uma coreografia que envolve e impulsiona a dança.

<sup>5</sup> Ôi abre a roda tindolelê, Ôi abre a roda tindolalá, Ôi abre a roda tindolelê, Tindolelê tindolalá, Ôi bate palmas tindolelê, Ôi bate palmas tindolalá, Ôi bate palmas tindolelê, Tindolelê tindolalá, E dá um giro, tindolelê, Torna a girar tindolalá, E dá um giro tindolelê, Tindolelê tindolalá, Dá um pulinho tindolelê Outro pulinho tindolalá, Dá um pulinho tindolelê, Tindolelê tindolalá, E segue a roda tindolelê, E volta a roda tindolalá, E segue a roda tindolelê, Tindolelê tindolalá, E fecha a roda tindolelê, E abre a roda tindolalá, E fecha a roda, Tindolelê

comecei a perceber que os três estudantes que fizeram uma certa bagunça na saída da sala de aula estavam novamente puxando as mãos dos colegas, saindo da roda, e quando chegou na parte da música que pede para fazer um trezinho essas três crianças começaram a empurrar fortemente os colegas e a correr. Quando vi que estavam se aproximando do notebook e da caixa de som, pedi que todos parassem tudo e desliguei o som. Fiquei apavorada neste momento, porque esse computador é muito importante neste trabalho, eu ainda estava pagando por ele. Comecei a perguntar o que estava acontecendo com uma voz mais forte, sem gritar, perguntei o que estava errado, disse que não gostava de apontar o dedo, mas que dessa vez faria isso, então chamei a primeira das três crianças, e disse para que sentisse o meu abraço, que o carinho era muito mais gostoso que o empurrão, a violência; fiz isso com as outras duas também e perguntei o que eu poderia fazer para melhorar a atividade e se eu estava fazendo algo que não estavam gostando. Uma das três crianças me disse que eu não estava fazendo nada de errado, elas é que não sabiam fazer roda! Então perguntei se poderíamos tentar de novo, todos concordaram e então coloquei a música Abre a roda Tindolele novamente e dançamos com a participação de todos. Dessa vez duas das três crianças se envolveram na dança, apenas uma continuou apertando a mão de um colega. Terminamos a música e pedi às crianças que se sentassem em círculo para conversarmos sobre os passeios feitos na UFU e no Parque do Sabiá que é um parque onde há uma reserva florestal, zoológico, parquinhos e outros atrativos de lazer para a população. Novamente tive que levantar a mão para pedir atenção. Pedi então que elas contassem sobre suas experiências nos dois passeios, o que haviam gostado ou não, o que faltou nesse passeio, o que elas esperavam encontrar e que não encontraram, etc. Elas foram pontuais em suas falas, não disseram muito sobre o que perguntei, falaram de momentos aleatórios e se dispersaram muito, diziam uma coisa e já começavam a conversar com os colegas do lado sobre outras coisas. Um assunto que rendeu muito foi sobre o leão do zoológico do Parque do Sabiá, elas falaram muito das suas expectativas de ver a leoa, de como esses animais se alimentavam e porque ele era o rei da selva. Foi um dos assuntos mais comentados nessa roda e também falaram sobre o parquinho do Museu DICA da UFU onde encontraram brinquedos interessantes, por exemplo, a antena e os balanços. Então convidei-os para ver as fotos dos dois passeios, fui passando os slides no notebook e as foram crianças vendo as imagens e fazendo pequenos comentários do tipo: - "Nossa olha o Tuiuiú!"; "Olha as Araras!"; "O Macaco, a antena, os balanços!"; "Eu adorei os balanços!"; "Eu adoro bicho, adoro Araras!". Quando terminamos de ver as fotos, peguei uma caixa com as massinhas de modelar e fui para o meio do quiosque. Todos vieram ao meu redor e então sugeri que fizessem duplas e que escolhessem uma pessoa de cada dupla para pegar as massinhas.

**OBS:** Tive essa ideia de formação das duplas e pedir um representante de cada dupla, para que pudesse pegar a massinha pelos dois. Dividir responsabilidades, confiar no outro, repartir as funções, dividir as tarefas é o que seria feito ali.

Elas não compreenderam, expliquei novamente umas quatro vezes e muitos ainda não haviam compreendido, até que professora Bela foi perguntando um por um quem era sua dupla e mandando se sentar. Então fui entregando duas caixas de massinha para cada criança e pedi que entregasse uma caixa para o outro colega da dupla e que não abrissem a caixa ainda. Assim que terminei de entregar as caixinhas, pedi que abrissem e todos disseram num coral de vozes: - "Êba! É massinha! Que legal!". Uma carinha de felicidade surgiu no rosto das crianças. Então disse que a atividade era a partir dos

---

tindolalá. (Escolhemos esta música por ser uma cantiga de roda e por estarmos tentando construir a ideia de fazer a roda com as crianças).

passeios e outras histórias vividas para que elas produzissem algo com a massinha. Coloquei uma música para que eles trabalhassem tranquilos e uma certa tranquilidade se instalou ali, as crianças com grande entusiasmo, conversavam, falavam baixo, sem gritar e escutavam a música. Foi um momento muito gostoso e diferente de todos aqueles que eu já havia experimentado com elas. Apenas uma das três crianças que estavam correndo pelo corredor da escola no início da atividade e depois estava apertando o braço de outras crianças, um menino, continuou a atrapalhar os colegas, mas fui conversando com ela, fazendo molde com as massinhas e ela foi se acalmando. A professora regente desta vez interveio pouco nas ações, sentou-se com uma criança e construiu com ela um objeto. Todas as crianças fizeram produções que representavam objetos do Museu DICA, paisagens e bichos do Parque do Sabiá. Apenas uma criança fez um alienígena. As crianças, o tempo todo da atividade, ficavam me perguntando se elas poderiam levar para casa a massinha, se a massinha era delas e eu repetia várias vezes seguidas: - "As massinhas são de todos nós, é coletiva, para usar aqui na escola!". Depois de algum tempo, pedi que colocassem cada uma das produções em cima de uma folha de papel A4 que lhes entreguei e que colocassem no meio do quiosque. Cada um falou sobre a produção que havia feito e perguntei o que poderíamos melhorar na próxima ação, elas responderam que poderia trazer outras brincadeiras, trazer novamente o quebra-cabeça, trazer outras canções para dançar, jogar futebol. Dessa vez elas não disseram nada sobre melhorar o comportamento. Então para brindar a finalização da atividade, fui entregando dois pirulitos para cada criança e pedindo que entregassem um pirulito para a outra criança.

**OBS:** Tive uma sensação diferente dessa vez. Senti que houve um envolvimento maior, que as crianças participaram mais, queriam mais, que a atividade de criação desenvolvida foi envolvente, que teve significado para elas! Fiquei muito feliz e brindar com pirulitos foi uma forma de curtir essa felicidade com as crianças. Quando havia terminado de entregar os pirulitos, uma criança chegou perto e perguntou por que ela não havia ganhado pirulito, então peguei um pirulito dentro da sacolinha e coloquei na mãozinha dela e disse: "Pronto!". Ela então disse: "Para você tia Grazi!". Peguei o pirulito e dei um abraço forte nela. Que alegria! As crianças voltaram para sala. A Alessany fez o registro de todos os momentos, fiz algumas fotos, mas a maioria dos registros de filmagem e fotografia foi feito pela Alessany que tem contribuído muito nas ações com as crianças. Uma observação que a Alessany fez foi porque eu não intervi quando as crianças começaram a gritar com os colegas. Fiquei de pensar sobre isso, porque essa questão de quando e como intervir ainda é um mistério para mim!

Essa atividade com massinhas foi muito bem aceita pelas crianças. As criações das crianças foram belas, interessantes e ricas e me encheram esperança e vontade de continuar, mas de um jeito diferente.

Muitas crianças não quiseram apresentar oralmente seus trabalhos e respeitei a vontade delas. A apresentação de Alex com seu alienígena e da Rôse com o seu casalzinho de ararinhas numa noite estrelada foram impressionantes, o primeiro por sair da temática proposta; o segundo pela poeticidade da criação. Com relação às outras produções, me impressionei com a riqueza de detalhes do cavalo, das cobras, das araras e da girafa da Isadora. Abaixo, apresentamos duas imagens das produções com massinha de modelar das Crianças Maravilhosas:

IMAGEM 1 - O alienígena “feroz e malvado” do Alex. 29/04/2013.



Arquivo da pesquisa.

A antena parabólica do Museu DICA foi recriada em muitas produções das crianças. Até a cor azul e os detalhes em branco foram lembrados por elas:

IMAGEM 2- Antena parabólica azul do Museu DICA da Luísa e a árvore de todas as histórias.

29/04/2013



Arquivo da pesquisa.

As crianças disseram poucas coisas sobre suas obras. Não conseguiram ir além da descrição sucinta do que haviam feito. O silêncio também pode dizer. Larrosa (2010) dimensiona as falas, as linguagens de maneira ampla que extrapola esse jeito direto e sucinto de interpretarmos as ideias das crianças:

Se alguém lê ou escuta ou olha com o coração aberto, aquilo que lê, escuta ou olha ressoa nele; ressoa no silêncio que é ele, e assim o silêncio penetrado pela forma se faz fecundo. E assim, alguém vai sendo levado à sua própria forma (LARROSA, 2010, p. 52).

As diversas figuras construídas pelas crianças com massinha de modelar fazem pensar sobre a forma de pensar a si mesmo e o mundo de cada um, de cada criança. Durante a apresentação das

figuras, perguntei a uma criança sobre sua criação e ela começou a contar sua história que está apresentada no quadro 1 abaixo. Podemos identificar um ponto em comum em quase todos as construções de massinhas das crianças, a presença da árvore, que poderia ser sugerida pela peça de teatro assistida ou as árvores da escola ou outras árvores de suas vidas.

Palavra, palavraria, palavra grande, palavra sentido, sentimento, palavra-forma, transcrevemos as falas das crianças no momento da apresentação.

QUADRO 1- Relatos das crianças da turma Crianças Maravilhosas sobre suas produções com massinha de modelar. 29/04/2013

NOME	RESPOSTAS DAS CRIANÇAS
1- Luiza	"Essa aqui é a minha mãe, ao lado tem uma balança, a antena da UFU, essa aqui é cobra, a árvore o sol".
2- Larissa	"Eu fiz umas rosas, o sol, uma nuvem, uma árvore e um coqueiro".
3- Maria Letícia	Não quis falar.
4- Isadora	"Eu fiz um cavalinho, depois eu fiz duas ararinhas, fiz uma girafa, uma cobra branca e uma cobrinha vermelha. Eu só desenhei".
5- Isabela	"Eu desenhei o sol, uma ponte com a água, umas florzinhas e o pé de coqueiro".
6- Eduardo	"Eu desenhei o sol, o carro para me levar para o meu pai".
7- Maria	"Eu fiz uma casa, dois corações, uma árvore e as flores, só. Não fiz história".
8- Lilian	"Eu fiz aquela antena da UFU, o sol, um pé de coco e uma cesta vazia".
9- Jéssica	Não quis falar.
10- Luana	Não quis falar.
11- Alex	"Eu fiz um alienígena que morava num outro planeta. Aí ele vinha aqui para terra e não tinha ninguém para matar ele. Ele era muito mau".
12- Francisco	Não quis falar.
13- Fábio	Não quis falar.
14- Luiz	"Eu não fiz nada".
15- Marcos	"Eu fiz uma cobra enorme que engole gente".
16- Rosana	"Eu fizemos dois coqueiros com uma rede de deitar no meio, uma cesta com frutas e só".
17- Elen	"A gente fez o sol, a nuvem, um balanço, as árvores, a cesta, a maçã, a banana e as flores e só. A professora me ajudou".
19- Rôse	"Eu fiz um céu estrelado com dois casaizinhos de ararinhas. Eles estavam namorando e olhando para o céu".

Fonte: Acervo da pesquisa

Na apresentação, todos já estavam bem cansados, pois até a apresentação se passaram 2 horas. Novamente não conseguimos fazer as atividades com as crianças em até 1 hora e meia, para não cansá-las. A entrega dos pirulitos como uma forma de brindarmos pelo trabalho realizado e a preocupação de uma delas quanto ao fato de a pesquisadora não ter recebido o seu pirulito demonstrou que elas estavam me considerando parte do grupo; isso foi mais um sinal de que elas me viam como um "adulto atípico" ou uma criança grande ou um adulto-criança, tal como considera Corsaro (2011, p. 129) que aponta que um adulto atípico é aquele que é aceito pelas crianças, reconhecido como um adulto diferente dos outros.

A partir das duas atividades apresentadas anteriormente, a participação na peça de teatro e a construção com as massinhas, pudemos verificar que atividades lúdicas, caracterizadas por jogos e brincadeiras individuais e coletivas, fundadas na parceria e amizade são dinâmicas importantes que nos permitiram aproximar das crianças e confirmá-las como sujeitos capazes de aprender, de imaginar e de criar e nós adultos como sujeitos capazes de aprender com elas; as construções coletivas de ideias que as crianças demonstraram entre elas e com os adultos durante o teatro e o trabalho com as massinhas de modelar demonstraram o quanto as atividades lúdicas nos espaços da escola estavam conseguindo nos aproximar, cada vez mais, das crianças.

A participação das crianças durante o teatro, suas intervenções nas cenas, no palco, na história, fazendo perguntas e respondendo as indagações das atrizes, era como se a peça teatral ganhasse um novo significado. Em seguida, na apresentação da dança de três meninas com a música "Abre a roda tindolê", uma outra surpresa, essa era a música que sempre usávamos com as crianças para tentar contruir as rodas na escola. Quando essas três crianças começaram a apresentar essa cantiga de roda e todas as outras crianças que estavam na platéia começaram a cantar espontaneamente reconhecemos um sinal importante de que estávamos nos aproximando, o que atestava a capacidade delas para aprender e criar e o nosso acerto em trilhar caminhos lúdicos e artísticos na convivência com elas.

Na produção com a massinha de modelar as crianças resgataram imagens do passeio à UFU para participarem da peça de teatro e do passeio ao Parque do Sabia. O brilho nos olhos, os sorrisos, os abraços falavam a cada momento depois do passeio, o quanto foi importante e potencializador de pensamentos e sentimentos essa saída da escola.

## Referências

ALVES, Rubem. **A gestação do futuro**. Campinas: Papius, 1987.

BERTHERAT, Therese. **O corpo tem suas razões**. Edição 21. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2001.

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Edição 5. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

Recebido em 21/02/2015

Aprovado em 25/05/2015

Publicado em 26/08/2015